

veja Rio

JUNHO • JULHO 1992

S	T	Q	Q	S	S	D
29	30	1	2	3	4	5



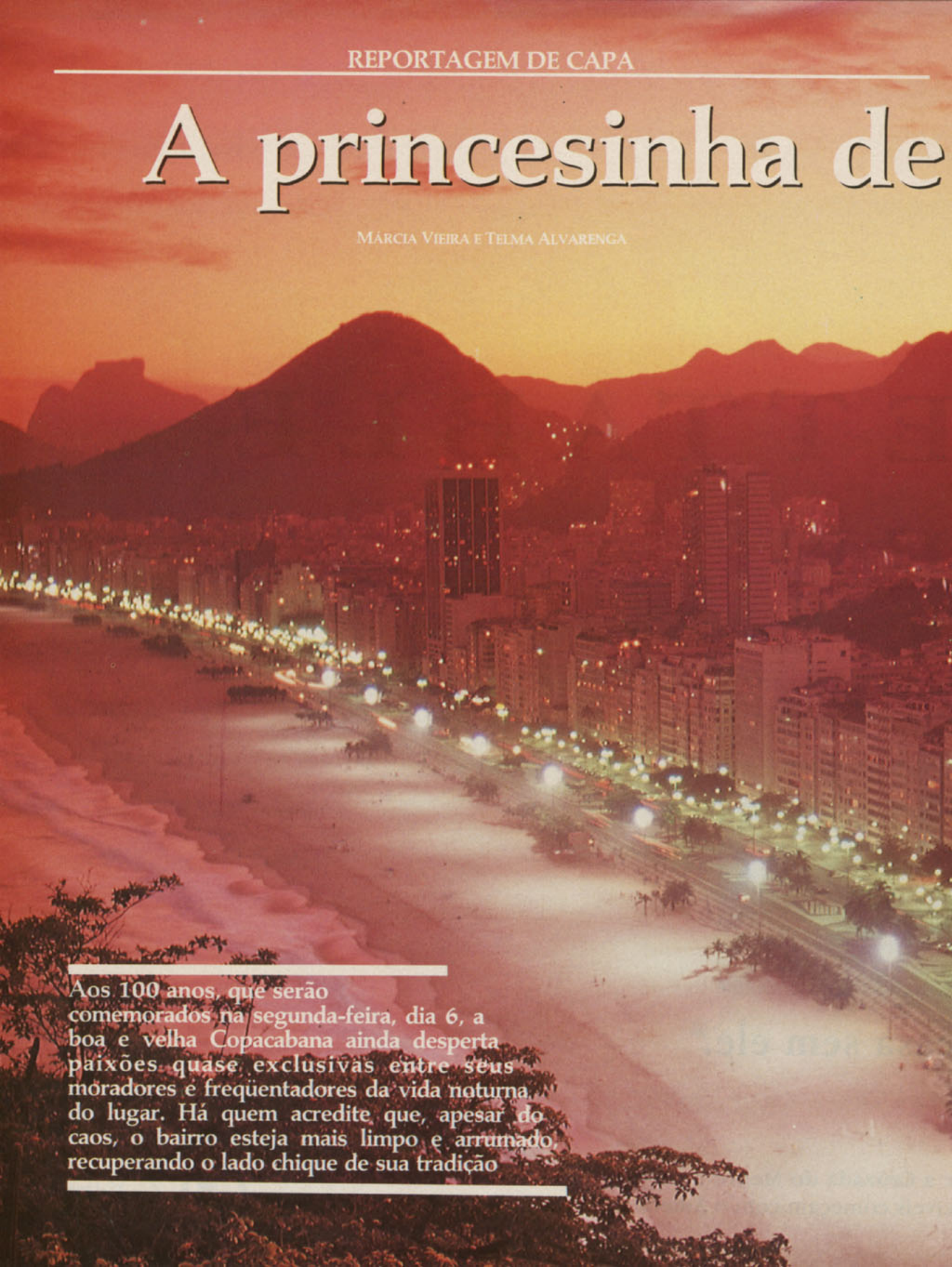
COPACABANA, ANO 100

Virtudes do bairro mais deliciosamente profano da cidade

REPORTAGEM DE CAPA

A princesinha de

MÁRCIA VIEIRA E TELMA ALVARENGA

An aerial photograph of Copacabana, Rio de Janeiro, at night. The image shows the illuminated buildings and streets of the neighborhood, with the ocean visible on the left. The sky is a deep orange and red, suggesting a sunset or sunrise. The overall tone is warm and dramatic.

Aos 100 anos, que serão comemorados na segunda-feira, dia 6, a boa e velha Copacabana ainda desperta paixões quase exclusivas entre seus moradores e frequentadores da vida noturna do lugar. Há quem acredite que, apesar do caos, o bairro esteja mais limpo e arrumado recuperando o lado chique de sua tradição

cada um



Coitada daquela senhora. Já com idade avançada ficou sem empregada. Mal-vadeza da recessão. Duas vezes por dia, rotina fatigante, lá vem ela pela Rua Sousa Lima, carregada de sacolas do supermercado, sozinha, sem ninguém para ajudar. É triste, mas o que se há de fazer. Divertido é ver o bando de entregadores dos mercadinhos, carregados de “gulodices maravilhosas”. Os cachorros tinham desaparecido por uns tempos. Voltaram. E emporcalham impunemente o piso de pedras portuguesas. Às oito e meia da noite, a paisagem é entediante. Ninguém nas calçadas. Todo mundo em casa, olhos grudados na TV, vendo as aventuras amorosas de um retratista, Don Juan evanescente e seu harém de mal-amadas. É hora de Dorival Caymmi recolher do parapeito da janela sua almofadinha de cetim, único acessório do sentinela da Sousa Lima, e encerrar mais um expediente de “velho janeleiro”.

Dos 100 anos que Copacabana comemora no dia 6 de julho, Caymmi já passou lá 39, mais da metade dos 78 que completou em abril. “Um bom lugar/para se amar/Copacabana”, cantou macio Dick Farney, um tijucano com cara de boêmio do bairro mais famoso, fascinante e arrebatador da cidade. Eram versos sobre uma Copacabana já insone mas mais inocente, vista pelo olhar apaixonado do baiano recém-chegado na década de 50. Seguiram-se muitos anos de janela, por onde a vida real passa todos os dias sob os olhos da multidão empilhada nos paredões de edifícios, vertigem da corrida imobiliária e utopia da vida vertical. Aberração urbana? Ninguém contesta, mas nestes tempos de rigor ecológico também é um paradigma de biodiversidade com sua fauna humana variadíssima, desafiando todos os dias os limites de um convívio social tão brutalmente compulsório.

“Copacabana só existe porque não presta atenção nas suas impossibilidades”, já disse a sério o humorista Luís Fernando Veríssimo. Impossibilidade, diga-se de passagem, não é prelúdio de decadência. “Copacabana está saturada, mas não decadente”, reage o prefeito Marcello Alencar, 66 anos, que já bebericou muito no Corujinha, ali na Praça Serzedelo Correia, até hoje seu bar preferido no bairro. São as “impossibilidades” que no fundo encantam Caymmi. “O que me fascina é a variedade”, admite. Ele não conhece aquelas pessoas pelo nome, nem mesmo a senhora das sacolas do supermercado, que inspira comiseração. Sua vocação não é para a bisbilhoteira provinciana. “Não tô falando mal, tô só observando”, pontua seus comentários. Pela rotina de cada um dos passantes, apalpa dramas e alegrias da vida que pulsa na sua rua e nas redondezas. Em que outro lugar um preguiçoso confesso teria tanta coisa para ver? “Copacabana mistura velhos, mulheres bonitas, cachorros e é um lugar onde a natureza se impõe ao indivíduo”, define Caymmi.

Cuidado. Copacabana engana. Seus arranha-céus sugerem que foi feita em série, mas é única. “Ela tem belezas, qualidades e defeitos difíceis de se encontrar num lugar só”, atesta o viajadíssimo Ricardo Amaral, rei da noite em Ipanema, que já morou na Mascarenhas de Moraes e na Rainha Elizabeth. A proximidade do mar refrigera a exasperante correria. Em que outro lugar, acrescenta o arquiteto Maurício Roberto, pode-se ver às duas horas da manhã “gente andando com roupa de banho ou prostitutas misturadas com donas-de-casa”. Não é preciso ir tão longe. Só lá, mesmo de dia, é possível flagrar executivos fardados

Amor à primeira vista: a Avenida Atlântica é quase um consenso na eleição dos melhores recantos do bairro

de terno e um gênero desenxabido de *co-roas* que só Copacabana tem, aqueles que transitam só de sunga ou de bermuda pelas calçadas com sol de meio-dia. "Voce vê todos os tipos de pessoas, elas já são meias caricaturas. É um prato cheio", depõe o chargista Chico Caruso, que se delicia com tantos personagens. Cada um entende a princesinha do mar à sua maneira. *Veja Rio* consultou 25 personalidades para eleger o que há de melhor no bairro. Unanimidade, nenhuma. A campeã de votos foi a natureza. Para a maioria dos entrevistados (13), o charme está na curva da Avenida Atlântica, eleita a melhor rua.

Nos outros nove quesitos — entre eles melhor trecho da praia, restaurante, mãe-tre ou garçom, pianista, bar, casa noturna, cinema, loja e até bancas de jornais — o consenso foi escasso (*veja quadro na página ao lado*). Para o roqueiro Frejat, 30 anos, líder do Barão Vermelho, que há dois anos trocou o Catete pela tranquilidade da Rua Décio Vilares, a Lanchonete do Bairro Peixoto é o melhor bar de Copacabana. "É a maior dose de vodca do mundo", vibra. "Ainda por cima tem ladrilho preto e branco que é essencial em qualquer botequim". Júnior, craque do Flamengo, moldado nas areias do Posto 4, elege o Benfica, na Rua Figueiredo Magalhães, que serve chope geladíssimo tirado na pressão. Danuza Leão, que já foi a diva da noite desse bairro que não dorme, também faz escolhas movidas por conveniência. Sua banca de jornal é a do Santos e do Salvador, na Rua Gustavo Sampaio, Leme. "Eles vendem fiado e até emprestam dinheiro para eu comprar pão na padaria. São ótimos", elogia. Paulista de Tatuí, Vera Holtz, que esteve no elenco de *A Volta ao Lar*, no Teatro Copacabana, acha a Charutaria do Mercadinho Azul a melhor loja do bairro. Por quê? "Porque é lá que eu compro cigarros". Excentricidades copacabanenses.

Restaurante era mais fácil de escolher. São 121, para todos



Calçada da biodiversidade: população de rua convive com lazer de aposentados e

os gostos e temperamentos. Mas a escolha percorreu os mesmos caprichos. O badaladíssimo Le Saint-Honoré teve dois votos, a Churrascaria Mariu's, no Leme, onde magotes de japoneses incrédulos se entopem de picanhas, só teve o voto do prefeito Marcello Alencar. Os dois foram superados por A Polonesa (Rua Hilário de Gouveia, 116), eleita com quatro. Pesou na escolha o voto dos artistas. A cantora Joyce adora a sopa de beterraba. Os olhinhos da atriz Taís Portinho brilham ao falar do suflê de chocolate. Quem vai à Polonesa, casa aberta há 43 anos, procura a sopa, o estrogonofe, outro prato muito pedido, e arremata com o suflê que chega quentinho à



Nequinho da Beija-Flor: respeito e tranquilidade



Danuza Leão: pendura na banca de jornal do Leme



vaivém de carrinhos de bebê

O melhor de Copacabana

Rua — Avenida Atlântica

Praia — Leme

Restaurante — A Polonesa

Casa noturna — Rio Jazz Club

Cinema — Roxy

Para eleger o melhor de Copacabana, *Veja*

Rio compôs um júri de 25 pessoas:

Braguinha (compositor), Chico Caruso

(chargista), Cristina Buarque de Holanda

(cantora), Danuza Leão, Darcy Ribeiro

(senador do PDT), Dorival Caymmi (cantor

e compositor), Fausto Fawcett (poeta),

Henrique Cazes (músico), Hermano Vianna

(antropólogo), Joel Silveira (jornalista), José

Joffily (cineasta), Joyce (cantora), Júnior

(jogador de futebol do Flamengo), Marcello

Alencar (prefeito do Rio), Maria da

Conceição Tavares (economista), Neguinho

da Beija-Flor (sambista), Oscar Niemeyer

(arquiteto), Ricardo Amaral (empresário),

Roberto Frejat (roqueiro do Barão

Vermelho), Roberto Menescal (compositor),

Rogério Cardoso (ator), Sura Berditchevski

(atriz), Tais Portinho (atriz e dona do Teatro

Posto Seis), Teófilo do Azeredo Santos

(banqueiro) e Vera Holtz (atriz).

mesa e corrompe qualquer regime. Paulo Pastusiak, 44 anos, filho de dona Josefa, imortal criadora destes pratos, acha que o molho do estrogonofe é o principal chamariz da casa. Denerval Mousinho, o Russo, garçom do restaurante, é outra atração. Foi o mais citado. Ganhou os votos de Frejat, Vera Holtz e do antropólogo Hermano Vianna, irmão do Herbert — líder do Paralamas do Sucesso — e exegeta do fenômeno *funk* nos subúrbios cariocas. “Como ele é motorista de táxi, ainda leva a gente em casa quando bebemos umas vodcas a mais”, conta Vera.

Copacabana surpreende por isso. É um lugar que pode ser

visto mesmo de várias maneiras. A maioria prefere vê-lo de fora para dentro, das águas do mar para as ruelas estreitas. Talvez porque existam mesmo duas (só duas?) Copacabanas. A da Atlântica, onde ainda triunfa a natureza, e a da esquina de Figueiredo Magalhães com Nossa Senhora de Copacabana, onde a balbúrdia medida em decibéis, na definição do deputado Roberto Campos, “é incompatível com a sanidade mental”. Na praia a visão é amena e grandiosa. Teófilo de Azeredo Santos, presidente do Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro, mora há 30 anos na Avenida Atlântica e de lá vai direto para a cidade. “Só entro no bairro se não tiver outro jeito”, confessa. “O amanhecer na praia é muito bonito”, avaliza Chico Caruso, 42 anos, um dos jurados. “O calçadão é graficamente impressionante”, rende homenagem profissional ao mosaico desenhado por Burle Marx.

“Não conseguiram destruir a força da natureza”, constata o arquiteto Oscar Niemeyer, 85 anos, também eleitor, que mantém seu escritório no terraço de um velho prédio na Atlântica, tratando a selvageria da colonização daquele vasto areal como um doloroso mas inexorável fato consumado. “Eu olho para o mar e sinto uma tranquilidade tão grande”, diz.

“A arquitetura aqui é uma porcaria”, enfia o dedo na ferida seu colega de ofício Maurício Roberto, que ainda assim adora o bairro, onde mora e tem escritório. O mar que acalma as retinas de Niemeyer é o pulmão daquela floresta de prédios. João de Barros, o *Braguinha*, não lembra como ele e Alberto Ribeiro compuseram *Copacabana*, *Princesinha do Mar*, hino de veneração ao bairro, recheado de imagens bucólicas. “Ih, já faz tanto tempo...”. Faz mesmo, foi na euforia do pós-guerra, em 1946, ano em que o fechamento dos cassinos feriu o esplendor da princesinha.

O mar continuou com seu apelo irresistível. “Quando a



Darcy Ribeiro: olhar antropológico para os bumbuns



Roberto Frejat: vodca generosa no Bairro Peixoto

gente chega no calçadão, olha aquele mar, aquelas montanhas, vai logo dando uma frouxidão gostosa, uma vontade de tirar o sapato e pisar na areia”, filosofa Caymmi. Não é só licença poética. Nos anos 50, vestido de terno e gravata, Caymmi deixou seu apartamento pronto para um compromisso numa emissora de rádio e como fazia sempre foi até o Posto Seis pegar um táxi. Mudou de idéia. “Olhei os pescadores chegando com o barco cheio de peixe, aquele sol forte batendo no rosto. Tirei a roupa, fiquei só de cueca, mergulhei no mar e fiquei lá comendo peixinho frito.”

Braguinha pode ter esquecido como compôs um de seus maiores sucessos, mas não por quê. Até hoje adora sentar no banquinho do calçadão, em frente ao Copacabana Palace, observando as pernas das mulheres que passam. “São tantas as meninas de Copacabana”, suspira com a candura e inocência das marchinhas que fez para os carnavais da era pré-fiodental. Mulheres, só as mulheres desatam a sensualidade antropológica do senador Darcy Ribeiro, 69 anos, que desde 1976 mora num apartamento na esquina de Bolívar e Avenida Atlântica. “É uma maravilha andar pela praia cheia, inspecionando os bumbuns”, diz. “Eles estão melhorando”, garante com a acuidade de um Indiana Jones da preferência nacional. Não há um quesito mulheres, mas ninguém deixou de mencioná-las. “Aqui são muitas mulheres bonitas”, generaliza o banqueiro Azeredo Santos. O deputado Roberto Campos, que mora na Francisco Otaviano, fronteira de Copacabana e Ipanema, acha



Rush cotidiano: trânsito alucinante na esquina das Ruas Siqueira Campos e Barata Ribeiro

que Marta Rocha é a cara do bairro. “O lado bom de Copacabana, bem entendido”, faz questão de esclarecer.

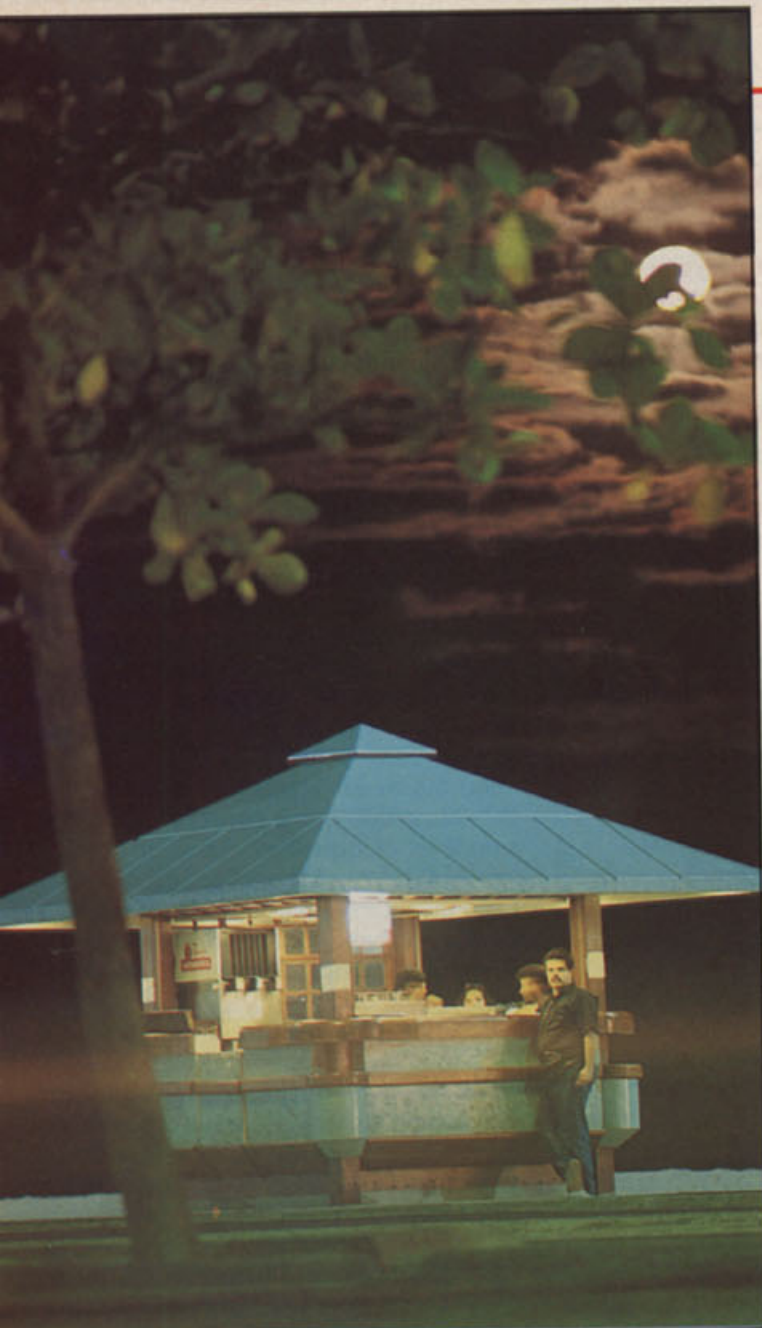
Nada melhor do que as mulheres para mostrar o lado direito e o avesso de Copacabana. O performático Fausto Fawcett, 35 anos, está entre os moderninhos que se deleitam com a divina decadência de Copacabana. Nada de romantismo. Se depender dele, o bairro fica conhecido pelo pesado estribilho de seu rap *Kátia Flávia, Godiva do Irajá*: “calcinha, excocet, policia”. Ali no El Cid, restaurante da Avenida Prado



Rolando Lero: “Copacabana abraça quem chega”



Braguinha: velho caso de amor com a *Princesinha do Mar*



Quiosques da ciclovia: o novo visual da praia



Vera Holtz: comodidade do Mercadinho Azul à Polonesa

Júnior, passarela preferida das damas da noite, Fausto gosta de “ficar de bobeira”, esfregando os olhos no delirante *bas-fonds* de Copacabana. Por essa razão é dele o voto solitário dado à Boate Cicciolina, meca de shows eróticos, como melhor casa noturna. No quesito, venceu de longe o recatado Rio Jazz Club (nove votos), que funciona no porão do Hotel Méridien e serve à sua freguesia shows de jazz e música dançante. “O ambiente é agradável e os shows são legais”, afirma a cantora Cristina Buarque de Holanda, moradora do Posto Seis.

Profana e familiar, depravada e conservadora, Copacabana é feita de paradoxos. Com 191 057 habitantes espremidos na faixa entre o mar e a montanha, Copacabana parece ser o cenário das multidões solitárias. Impessoal como todo lugar com gente demais e pouco espaço. Mas não é assim. “A convivência que eu tenho aqui na Bolívar com os moradores, os porteiros, é a mesma que eu teria se continuasse em Montes Claros”, conta o senador Darcy Ribeiro. Quando se mudou de Nilópolis, na Baixada Fluminense, para um apartamento da Atlântica, Neguinho da Beija-Flor estava cismado. “Achei que era um lugar barulhento, com muito corre-corre. Mas é tão tranqüilo.” É reconhecido na rua e muita gente o cumprimenta dizendo “bem-vindo”. O cineasta José Joffily mora há 10 anos na Décio Vilares, rua sem saída do Bairro Peixoto, oásis de tranqüilidade na trepidação permanente do bairro. “Isso aqui tem as qualidades de uma cidade pequena, sem os defeitos do provincianismo”, relata. Copacabana engana: ensinou o cineasta Antônio Carlos Fontoura, que rodou nas ruas do bairro em 1968 seu *Copacabana me engana*: “Minha mãe ainda mora em Copacabana e adora o movimento. Diz que se sente triste em outro lugar.”

“Copacabana abraça todo mundo”, diz sério e sem seu veemente e impagável puxa-saquismo Rogério Cardoso, o Rolando Lero da *Escolinha do Professor Raimundo*. É o que chama de “veia democrática” do bairro. “Do mais chique ao menos chique cabe tudo ali dentro”, reconhece Ricardo Amaral. Deslumbrado com essas facetas, Hermano Vianna conta que no ano passado trocou por uns tempos o Posto Seis por Chicago. “Fiquei desesperado, tinha tão pouca gente na rua”, lembra. “O que me atrai aqui é justamente a quantidade de estímulos visuais e afetivos. Há sempre a possibilidade do encontro de pessoas diferentes.” O burburinho não é remédio só para as angústias do silêncio ou a pasmeira da tranqüilidade. Também faz compa-



Fausto Fawcett: ver o encontro das prostitutas no El Cid

nhia. Não apenas para os devaneios na janela de Dorival Caymmi. "Aqui a gente acha tudo", afirma o jornalista e escritor Joel Silveira, 73 anos, há 42 viciado nas comodidades de um bairro que tem de tudo, sempre perto. "Eu não posso sair daqui nunca." Como diz Joffily, dá para comprar uma flor, ir ao cinema ou ao teatro sem tirar o carro da garagem.

Tinha praticamente tudo isso e era muito melhor. Em Copacabana a nostalgia é inevitável. O ponto preferido no bairro pelo prefeito Marcello Alencar é a esquina da Rua Joaquim Nabuco com a Avenida Atlântica. "Era onde eu me encontrava com meus amigos de juventude." Tudo era mais divertido e até singelo. "Era tão agradável pegar o bonde para o Centro e encontrar o Carlos Drummond de Andrade sentadinho", lembra Caymmi. Joyce lembra das tranqüilas serenatas nas areias da praia, sem que uma única faísca de pânico estragasse a cantoria. Roberto Menescal lembra das entradas furtivas no Bar Azul, no Posto Cinco, para assistir a um pianista que a noite começava a cultivar, Tom Jobim. Tinha só 16 anos e não podia frequentar casas noturnas. Mas Menescal lembra hoje com boas gargalhadas o maior vexame que deu nas ruas do bairro. Ele e um amigo foram se exibir para as garotas num carro conversível, sensação dos anos JK, em frente ao Cinema Metro, onde hoje funciona a loja de departamentos C & A. "Quando a capota começou a subir, as meninas desataram a rir", conta. Só então reparou no barulho de madeira se espatifando. "A capota estraçalhou meu violão".

O Metro não existe mais. Sumiu como o Rian, onde a rapaziada aproveitava o pé-direito alto para fazer moléçagens como soltar urubus em plena sessão. O Caruso lá no Posto Seis virou agência bancária. Sobrou das salas enormes, típicas da década de 40, o Roxy, que mesmo perdendo sua majestade — foi esquarterado em três — ganhou longe a indicação do júri

Festejos no bairro

Para comemorar o centenário de Copacabana, a Riotur organizou um calendário que se estende até dezembro. As principais atividades acontecem nos dias 4 e 5 de julho.

■ **Dia 4: 23h — Baile oficial do centenário. Cr\$ 70 000,00, com direito a jantar. Hotel Méridien.**

■ **Dia 5: 10h — Missa celebrada por Monsenhor Abílio na Praça Serzedelo Correia.**

11h30 — Exibição de pára-quedistas na Avenida Atlântica, entre os Postos 2 e 4.

17h — Apresentação da Orquestra Filarmônica do Rio, na Praça Serzedelo Correia.

20h — Desfile da Escola de Samba Acadêmicos de Vigário Geral. Avenida Atlântica, entre Princesa Isabel e Fernando Mendes.

como melhor cinema. "Mesmo dividido continua sendo o melhor", acredita o músico Henrique Cazes, solista de cavaquinho em conjuntos de chorinho. "Pelo menos por fora ele continua bonito", diz Tais Portinho.

O fechamento de cinemas não é o único sinal de degradação do bairro, que mergulhou no fundo do poço na década de 80. Uma mistura de recessão e leniência despejou nas calçadas da Avenida Nossa Senhora de Copacabana uma chusma de camelôs e a população que dorme nas calçadas aumentou muito. Tudo isso engrossou o coro da decadência repudiado pelos moradores que apostam na sobrevivência da alma do bairro. "Só acha que Copacabana é decadente quem nunca morou lá", esbraveja o jogador Júnior que viveu 24 anos no bairro mas se mudou para a Barra da Tijuca em 84. "Isso nunca vai acontecer", promete. "A Rio-92 provou que o bairro se recuperou e pode ser chiquêrrimo", também opina a cantora Joyce. Mais objetiva, Danuza Leão inventaria sinais de vida. A reforma do Copacabana Palace, das praças e a iluminação feérica da praia. "Copacabana vai voltar a ser chique", profetiza.

Talvez nunca mais deixe de ser a mistura de Cannes com Bombaim, coquetel que para a atriz Tais Portinho explica essa rara mistura de sofisticação com o caos. O antropólogo Hermano Vianna só muda os lugares. "Tem um pouco de Lagos, na Nigéria, o pior lugar que eu já conheci, com a Avenida Champs Elysées, em Paris." Isso está longe de ser pessimismo. "Temos que recuperar o orgulho de ser de Copacabana." E esse orgulho o prefeito Marcello Alencar enxerga no "cosmopolitismo" do bairro, com seus prazeres e horrores. Esse cosmopolitismo, para a atriz Sura Berditchevski, 38 anos, que mora em Botafogo mas adora frequentar Copacabana, é não se parecer com nada, ser impar. "Andar do Leme ao Posto Seis é como andar pelo mundo", diz. ■



Sura Berditchevski: mundo do Leme ao Posto Seis



Dorival Caymmi: o "janeleiro" ilustre da Rua Sousa Lima